

Assine/Anuncie: O RelevO não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de

romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos.

O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos:

jornalrelevo.com/publique ou pelo

contato@jornalrelevo.com.

nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações da capa e da contracapa desta edição são de autoria de **Edson Godinho**. Você pode conferir mais do trabalho dele em <edsongodinho.com>.

Janeiro/2020

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Morgana Rech
Revisão: Ramiro Canetta
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho

OAB/PR 48.641

Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 26/12/2019

Disso de dinheiro

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 200 Cymara Scremin; R\$ 120 Rafael Aggens; R\$ 100 Luiz Fernando; Wilson Moreira; Raquel Naveira; Weslley Ferreira; Luciana Merley; Mari Zam Braga; Diogo Silveira dos Santos; R\$ 80 Marília Saenger Santos; R\$ 75 Tiago Jonas; Lis del Barco; R\$ 70 Gabriel Lima Leal; Daniel Montova; Pedro Carrano; R\$ 60 Shana Lima; Rafaela Raíssa; Neli Maria Teleginski; Halanna Aguiar; Rodrigo Madeira; Otto Winck; Daniele Gomes dos Santos; Carol Boscarski; Victor Iannuzzi Corrêa; Felipe Gollnick; Idianara Navarro; Diego Ribeiro; Jair Barbosa; Lilian Guinski; Rodrigo Gonçalves; Natercia Moraes; Thassio Ferreira; Andressa Vieira; Jamille Carvalho; Andréa Mascarenhas; Claudio Parreira; Noemia Marques; Claire Feliz Regina; Wagner Teixeira; Jordana Machado; Fernando Gimenez; Renato Quege; Bruna Meneghetti; R\$ 55 Lucas Leite; R\$ 50 Patricia Herman; Amanda Andrade; Alex Xavier; Cel Bentin; Mariana Franco Ramos; Jean Soter; Thays Pretti; Filipe Brito & Adhara Garcia; George Israel; Lucas Jaques; Roberto Gomes; Felipe Gomes; Bernardo Fantini; Camila Fernandes; Kátia Nascimento; Thaggiane Lais Costa; Guilherme Dias Baldasso; Aline Gomes da Costa; André Siqueira; Carvalho Junior; Darcio Rundvalt; Mariana Belize; Mayara Cristina; Nícolas Wolaniuk; Dayse Bregantini; Larissa Adur; Roberto Dutra Jr.; R\$ 47 Lucas Gomes; R\$ 40 Guilherme Ross; Dayane Kayser; Amanda Cavalcante;

Gabriela Oliveira; Ricardo Pedrosa Alves; Laura Malaquias; Ricardo Nonato; Francci Lunguinho; Diego Noleto; Gabriel Bicho; Aliedson Lima; R\$ 20 Amauri de Paula.

TOTAL: R\$ 5.052

ANUNCIANTES:

R\$ 300 Allejo; R\$ 100 Flávio Sanso; Bruna Meneghetti; Carla Dias; Editora Ipê Amarelo; Editora Penalux; R\$ 50 Livraria Joaquim; FISK; Kikos Bar; R\$ 30 O Alienígena, Sebo Edipoeira

TOTAL: R\$ 1.010

(-) CUSTOS FIXOS
Gráfica: R\$ 1.400
ESCRITÓRIO: R\$ 245
Entregadora: R\$ 50
Capista: R\$ 50
Embaladora: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 1.000
Editor-assistente: R\$ 100
Mídias sociais: R\$ 380
Diagramação: R\$ 100

(-) DESPESAS VARIÁVEIS Transporte: R\$ 500 Embalagem: R\$ 54 Correios: R\$ 2.007

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS Domínio mensal: R\$ 25 Domínio bianual: R\$ 200

(+) Entradas totais: R\$ 6.062 (-) Saídas totais: R\$ 6.161

(=) Resultado operacional: - R\$ 99

Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri Ben-Hur Demeneck Bruno Meirinho Carla Dias Celso Martini Cezar Tridapalli Enilda Pacheco Felipe Harmata Gisele Barão Jacqueline Carteri Osny Tavares Whisner Fraga

Dos leitores

SETOR DE RECLAMAÇÕES

Roza Lima Romano Oi, tudo bem? Não sei se é o editor que cuida da revisão dos textos, mas quero dizer que fiquei bem decepcionada com o que fizeram com o meu texto na edição de novembro. Podem parecer, à primeira vista, pequenos detalhes, como uma palavra mudada ou suprimida, mas se eu escrevi o texto daquele jeito, é porque tinha que sair daquele jeito pra surtir o efeito desejado. Já na primeira frase tiraram um "e" importantíssimo pra sonoridade da frase. Na terceira parte, trocaram um "diz" por um "observa", o que não tem nada a ver com a identidade do texto. Depois, colocaram palavras em maiúscula depois de pontos de exclamação onde eu tinha deixado minúscula, pois essa era a cara que eu queria dar pro diálogo. Inclusive, nessa mesma fala, trocaram um "ao invés" por "em vez", o que, apesar de ser uma correção gramaticalmente correta, não condiz com a informalidade da fala do personagem, que, no desespero de não

ser queimado vivo, pouco se importa em falar escorreitamente. Também tiraram uns pontos finais que eu tinha colocado. De novo, podem parecer detalhes fúteis, mas não são. Se eu escrevi o texto daquela maneira, é porque já o tinha revisado, uma, duas, três, dez vezes, e cheguei à conclusão que AQUELA forma era a final que eu queria que chegasse ao leitor. Devo dizer que fiquei decepcionadíssima com o tratamento que deram ao meu texto. Eu gosto muito do trabalho de vocês, mas agora fico pensando se os outros textos que eu já li de artistas iniciantes também não foram mutilados como o meu. Não sei se o editor vai ler isso, mas achei importante comunicar o meu descontentamento. Eu, que sou uma entusiasta do jornal, fiquei chateada, talvez justamente por isso. Quem deu a liberdade pra mudar o meu texto, a minha criação, sem nem me avisar?? Aproveito pra enfatizar que, como escritora, vejo esses detalhes como de suma importância, e isso está longe de ser um perfeccionismo meramente superficial.

Da redação: Roza, como forma de transparência editorial, republicaremos o seu texto nesta edição e mostraremos ao nosso público-leitor todas as alterações feitas no seu texto a partir de critérios internos adotados. Reconhecemos que ao menos uma mudança foi completamente desnecessária. Pedimos desculpas pela experiência editorial desagradável.

Maryna Wagner Não recebi meu jornal de novembro. Nem o de dezembro. Da redação: Maryna, tivemos alguns problemas circunstanciais com a distribuição dos Correios em novembro e dezembro, mas o serviço já está novamente estabilizado.

Priscila Merizzio Oba! Não vejo a hora de receber meu exemplar! Espero que 2020 seja mais rentável ao **RelevO**!

Paulo Ricck Vocês poderiam colocar uma tirinha todo mês no jornal. Não sei como funciona a questão de direitos autorais, mas pega uma aleatória (Calvin, Mafalda, Hagar, o horrível) e coloca no jornal. Eu sou um que ia adorar!

Jim Duran Ótima leitura depois do almoço.

Noemia Marques Em 2019, eu voltei a ler jornal... de papel. Meu desejo pra 2020 é continuar lendo jornal... de papel! Adoro as tiradas sarcásticas, as pitadas de poesia e a arte tão bela que chega mensalmente aqui em casa em folhas do **RelevO**. P.s.: o jornal em companhia de um café machadiano fica ainda melhor!

Raíssa Carvalho O RelevO é realmente muito delicioso de se ler!

Kristopher Machado Ontem de noite recebi uma mensagem muito foda da minha irmã informando no bagulho que seu primeiro conto era publicado em um jornal literário de circulação nacional. A Jordana Machado, sem dúvida, é uma das pessoas que melhor sabem se comunicar através da escrita que eu conheço, esse corre literário dela é de muito tempo, fico feliz que ela esteja nesse processo de botar as paradas pra geral ler, mesmo sabendo que é cabreira com isso. Toda vez que leio algo dela, acho cabuloso e sei bem o quanto de energia e carinho ela coloca em seu trampo. Sempre estou pela torcida dessa mulher zika demais, uma das referências na minha vida, sua felicidade também é minha felicidade, é só o começo.

Mayara Moreira Quero indicar (e agora também quero assinar) essa coisa linda, que chegou até mim bem quando eu estava precisando de um descanso. O RelevO publica textos literários e não literários que abordam a literatura, com uma abordagem bem informativa, provocadora e divertida. Eu fiquei CHOCADA com como um texto acadêmico pode parecer tão clean em algum lugar. Eles organizam os textos mais densos e os textos mais descontraídos de uma forma que os mais densos ficam muito tranquilos de serem lidos. Acho que essas quebras no modo de abordagem, bem como as quebras de gênero entre os textos e essas transições da literatura pra não literatura foram as coisas que mais me agradaram, porque me causou uma sensação boa de instabilidade/

expectativa. Vocês vai ao próximo texto sem saber muito bem o que esperar, e isso, além de ser divertido, combina bastante com o humor sagaz que parece ser bem característico do jornal. Agora a parte que também fez toooda a diferença e pela qual eu fiquei encantada: o visual. O texto editorial dá a entender que eles mudaram recentemente o projeto gráfico. Não faço ideia se a mudança foi grande ou não, do que é novo ou não, mas achei o visual maravilhoso. A experiência que eu tive foi a de ler os textos sentindo que estava me transportando pra um local pacificamente limpo e organizado.

Rana Twinkiee Já conhecia o RelevO, mas achava que era apenas sobre literatura. Um texto acadêmico não é sempre tão fácil de degustar e se eles conseguiram torná-lo assim em um jornal, eu preciso ler.

Rodolfo Mondoni A fonte do texto sobre Herberto Helder, na edição de novembro está muita pequena, quase não consigo ler.

POR AÍ

Midialouca Fortalecendo nossas conexões literárias, o RelevO, periódico literário de Curitiba, é distribuído gratuitamente na nossa loja (sujeito a disponibilidade de estoque). Contos, textos, poesias, ideias e provocações. O exemplar de novembro já chegou, é so passar aqui e retirar o seu!

CAPA

Filipe Lima Brito Uma foto minha na capa do jornal! Na contracapa tem outra, uma espécie de verso dessa. Muito agradecido ao jornal pelo convite! Ter uma foto impressa seis mil vezes não tem preço! Da redação: Filipe, na prestação de contas é possível ver o preço. Ah, entendemos...

Greicy Bellin Atmosfera, ambiência, Stimmung!

Shana Emanuelle Soares Que capa linda.

Ronaldo Junior Adoro fotos urbanas. A capa está sensacional!

Bruno Orsatto Lanferdini Espero que o ano e a década que vêm tragam muito sucesso ao jornal, tenho um carinho especial por ele e o seu jeito único de fazer humor. O jornal muitas vezes me fez dar boas risadas em dias ruins. No mais, vou tentar ajudar ao menos compartilhando os posts e sempre propagandeando no

boca a boca para as pessoas que, se elas querem ler um bom jornal literário e dar umas boas risadas, basta ler o **RelevO**. Eu que agradeço pelas horas de leitura de qualidade que tive com o jornal, horas pelas quais eu nunca paguei nada, mas como não quero ver esse mundo, que está cada vez mais chato e ranzinza, sem esse jornal excelente, vou fazer um esforço pra tentar assinar em 2020.

OMBUDSMAN

Cleber Gomes Não curti esse ombudsman de quadrinhos. Vai tarde!

Tamiris Tinti Volcean Finalmente, estou em Catanduva. E finalizei a leitura do jornal nessa manhã. Que surpresa boa! Fiquei impressionada com a qualidade do material, com a seleção dos textos. Alegria também ver nomes conhecidos ali, percebendo como a comunidade literária se embrenha e se encontra inevitavelmente. Quero, sim, fazer a assinatura anual. Acredito que continuar fazendo o jornal mensalmente, de forma independente, seja uma ótima maneira de resistir. Quero ajudá-los a seguir na resistência.

Jânio Nascimento Ainda assino esse jornal

Pedro Diniz de Araujo Franco

Rio, 22 de dezembro de 2019
Prezados. O **RelevO**, que recebi ontem, traz texto que alguns vão estranhar, em função da linha **RelevO**. Refiro ao texto de Nelson Oliveira sobre o jogador Edmundo, o Animal. E enfaticamente aplaudo, pois o Jornal mostra maturidade, exibindo obras díspares em gênero, ainda que bem escritas e dando interesse a gregos e troianos. Enfim continuem a luta, percorram outras vias e só posso lhe parabenizar pelo denodo. Fraterno abraço.

Vanderlei Teixeira Cardoso Elogio não paga conta, mas posso dizer que o jornal está muito inspirador. Textos excelentes. E isso é ótimo. Abraço.

Editorial

O **RelevO** é um impresso literário. Ser impresso, portanto, é uma de suas características inerentes. Ele existe (primordialmente) porque um editor seleciona textos e quer que outros indivíduos leiam esses textos. Este jornal age em defesa dele mesmo, e não da literatura local, nacional ou mundial (ao contrário dos autores que estão salvando a literatura caso você, por coincidência, compre seus livros. Eles costumam odiar dinheiro e, por outra

coincidência, surgir em famílias ricas).

O **RelevO**, enfim, não quer solucionar nada no mundo – mas se alguém no mundo tiver algo solucionado como consequência do contato com o **RelevO**, ótimo. Sabemos que um impresso incomoda – espacialmente, fisicamente. Geramos volume; o jornal que se acumula acaba causando angústia; não dá pra ir num espaço cultural sem trombar com jornais empilhados entre porta-copos e uma planta suculenta. É da nossa natureza a presencialidade. Já recebemos fotografias de exemplares usados como forro de chão de banheiro de bar, evidenciando justamente o que considerávamos o melhor texto daquela edição.

Todo mês, o nosso jornal vai a uma gráfica. Uma gráfica é uma barulhenta cidade masculina de papel com habitantes madrugueiros. Os jornais obedecem a lógicas do calendário e geralmente precisam estar prontos antes de o dia nascer. Os arquivos precisam ser enviados até o fim de noite do dia anterior, para que as chapas sejam preparadas e separadas para impressão em uma lista que prioriza os diários, depois os semanários, em seguida, os mensários e, por fim, os periódicos de nicho.

O que tem entrada e saída não aceita facilmente a abstração. É o corpo produzindo presença. Não à toa se diz que o papel aceita tudo ao mesmo tempo em que pede passagem, pede um canto, um balcão, uma prateleira, um piso de banheiro. A materialidade de um jornal de literatura aterra textos que foram excluídos do processo seletor. O que emana de sua presença no mundo é uma ambição, é um projeto revelador de poder.

Um jornal de papel parece terminado quando chega ao leitor. Como Sísifo, fracassamos sempre ao pensar assim – e mais quando acreditamos ter chegado ao fim, pois logo estamos na secura cotidiana de aplicar hábitos em processos, na preparação da próxima edição.

Um periódico impresso de literatura está solto no tempo, embora a ele responda em forma de edições regulares, resguarde um acordo singular com o tempo. Não se nasce periódico, torna-se, conquista-se o status de periódico. A periodicidade nos livra temporariamente da inexistência, mesmo que somente existamos concretamente a partir do momento em que o primeiro leitor abre a primeira página ou toca em nossas camadas.

Estabelece-se um jogo que se entrecruza com a natureza dos jornais de notícias e também com a natureza da literatura. A nossa "verdade" demanda que tudo o que contemos pode ser a verdade do estatuto do jornalismo e a mentira do estatuto da literatura.

Nosso trabalho exige, por suspeição, uma dose de desconfiança e um voto de fé, um contrato, literalmente um contrato, com assinantes e depósitos que liberam a impressão e o envio aos Correios. O jornal de literatura é uma mãe que trabalha em jornada dupla. E que toda noite, antes de dormir, elenca mentalmente o que deixou de fazer na vida por conta dos filhos.

Uma boa leitura a todos.

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer Biblioteca Comunitária Moara Biblioteca Comunitària Paulo Freire Biblioteca Comunitària Prazer em Ler Biblioteca Comunitària Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitària Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitària Semente Literària Biblioteca Comunitària Mundo do Saber Biblioteca Comunitària Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitària Wilson Marques Biblioteca Comunitària Wilson Marques Biblioteca Comunitària Wilson Marques Biblioteca Comunitària Arthur Azevedo Biblioteca Comunitària da Residência o Biblioteca Comunitària Monteiro Lobato Biblioteca Comunitària O Fantàstico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitària Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitària Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitària Monteiro Lobato Biblioteca Comunitària Monteiro Lobato Biblioteca Comunitària Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança S. G. do Amarante Biblioteca Comunitária Literateca Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma Jaboatão dos Guararapes Biblioteca Comunitária do Peró Biblioteca Comunitària Clamentina de Jesus Biblioteca Comunitària do Calabar Biblioteca Comunitària do Calabar Biblioteca Comunitària do Calabar Biblioteca Comunitària de Italo Biblioteca Comunitària Novo Amanhecer Biblioteca Comunitària Padre Atfonso Pacciani Biblioteca Comunitària Padre Luis Campinotti Biblioteca Comunitària Padre Luis Campinotti Biblioteca Comunitària Paulo Freire Biblioteca Comunitària Sandra Martini Biblioteca Comunitària Sandra Martini Biblioteca Comunitària Sete de Abril Biblioteca Comunitària Sete de Abril Biblioteca Comunitària Tia Jana Bahia Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade

Minas Gerals Belo Horizonte Biblioteca Comunitária Livro Aberto Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro Sta. Luzia Biblioteca Comunitária Corrente do Bem

	Sabará	Borrachalioteca
ĸ	tio de Janeiro	
	Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinicio Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carorlina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Eias José Biblioteca Comunitária Watter de Araújo
	Duque de Caxias	Biblioteca Comunitària Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitària MANNS Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda

	biblioteca comunitaria vita Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Pauto Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Othar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zireir Ventura Biblioteca Comunitária Treis Marias
	Biblioteca Comunitária J. Rodrigues

Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras
Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio
Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra
Biblioteca Comunitária Casa Azul
Biblioteca Comunitária Colibri
Biblioteca Comunitária Itema
Pibliotoca Comunitária Pogina Cólia Gama do Miranda

		Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
7	ião Paulo	
		Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura
		Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal
		Biblioteca Comunitária Solano Trindade
	São Paulo	Biblioteca Comunitaria Ademir dos Santos

São Paulo	Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC: Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
C	Dibliotogo Comunitário Digadoire do Leituro

	Biblioteca Comunitaria de Heliopolis
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
	Riblioteca Comunitária Mundo dos Livros

Maua	Biblioteca Comunitária do CCDL	
Rio Grande		
do Sul	Biblioteca Comunitária Girassol	
	Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto	
	Biblioteca Comunitária do Arquipélago	
	Biblioteca Comunitária do Arvoredo	
Porto	Biblioteca Comunitária Ceprimoteca	
Alegre	Biblioteca Comunitária Chocolatão	
-5	Riblioteca Comunitária Cirandar	

Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Escolar e Comunitária da EQS 108/308

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?

ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Onde posso encontrar um Jornal RelevO para esboçar um sorriso enquanto leio?

ACRE	Supernova Coffee Roasters / Rause Caff Mitre / Café Lisboa / Café do Viajante / (Café / Café do MON / Magnolia Café /
Rio Branco Livraria N&S / Livraria Paim	Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / Botanique Café Bar Planta
ALAGOAS	Brooklyn Café / Café Ávenida / Café Tira Expresso Café / Café do Mercado / Café / Kaveh Kanes / Fingen Café / Moto Ra
(B) Maceló Casa de Cultura Luso-Brasileira	O Torto Bar / Tuboteca / Freguesia / Centro Europeu / Baba Salim / K
AMAZONAS	/ Centro Europeu / Baba Saum / K / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pi

naus	da Esquina / Paço da Libe
Kalena Café	Apucarana ————
O Alienigena Acervo e Espaço Cultural /	SESC Apucarana
Sebo Edipoeira	Araucária ————

	BAHIA
Salvador —	
Livraria Boto-Co	or-de-Rosa / Midialouca / otas, Glauber Rocha e

Shopping Paseo Itaigara)
Lauro de Freitas —————
A Livraria Dom Casmurro

(11)	Livraria Dom Casmurro
Vite	ória da Conquista 📖

(E) Livraria LDM

(3)

CEARÁ Fortaleza Livraria Lamarca / Sebo Ellenia /

Livraria Arte & Ciência / Livraria Siarà	
	DISTRITO FEDERAL

Brasília				
®	Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistró			

<u>(5)</u>	Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistro / Quantocafé / Martinica Café / Vicalli

	Out of Ficular
(9)	Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania /

Cei	ländia ————
(Jovem de Expressão

ESPÍRITO SANTO

Vite	ória
(A)	Torre de Papel / Dom Quixote Livr

Do	res do Rio Preto	
(5)	A Cafeteria	

®	Banca da Lu
-~	

Livraria Sebo & Arte		3	GOI
	@	Livraria Sebo & Arte	

Goiānia		ānia —————
	®	Evoé Café Com Livros / Livraria Palavrear . Livraria Leodeoária

₩	Care	Cui		,
Aná	poli	s	-	
(m)				



	MARANHAC
∰ São Luí	s Livraria Poeme-se / Sebo Artei

	MATO GROSSO
Cuiabá —	
📵 Bazar do Li	ivro Matriz

®	Bazar do Livro Matriz
(9)	Metade Cheio

MATO GROSSO DO SUL

MINAS GERAIS

Belo Horizonte	
•	Armazèm do Livro / Livraria Dona Clara Livraria da Rua / Sebo Ubuntu

Café do Palácio / Café 104

(®) Espaço Guaja Itajubá –

Lume Livraria / Sebo Bis

uso Alegre — Sebo São Darwir

PARÁ

BPP Sebo & Locadora

PARAÍBA

💍 A Budega Arte Café

Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energisa / Centro Cultural Ariano Suassu.

Livraria Universitària CZ

PARANÁ

Agendarte Livros / Sebo Releituras / Itiban Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Le Mundi Café Terapêutico e Livroteca / Livraria do Chaim Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Barbante / Livraria Vertov

esia do Livro / Kikos Bar I Pública do as / SESC

Banca da Aracy (5) Duetto Café

(a) Casa Eliseu Voronkoff / FISK Caiobá _

(B) SESC Caiobá

Campo Largo — Barba Camisetas / Inspirarte

Cornélio Procópio —

Foz do Iguaçu — (a) SESC Foz do Iguaçu

Francisco Beltrão 🗕 (a) SESC Francisco Beltrão

Guarapuava ----(A) Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria

(a) SESC Guarapuava Ivaiporã —

 SESC Ivaiporā Jacarezinho —

(a) SESC Jacarezinho Lapa _

Livraria & Papelaria Nanise (5) Panificadora Zeni

Londrina —

Livraria da Silvia / Nosso Seho (b) SESC Londrina (Cadeião e Centro Maringá

(afé Literário Medianeira _

(a) SESC Medianeira

Alexandria Livraria e Cafeteria

(a) SESC Pato Branco Piraquara ---

Livrarias Nobre Cultura

Ponta Grossa Werbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II

Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas

São José dos Pinhais —

Sebo da Visconde

São Mateus do Sul 🗕

Vitors & Cia

Umuarama _ (a) SESC Umuarama

PERNAMBUCO

(Llandestino Café / Borsoi Café Clube - PINA / Borsoi Café Clube - CALIFÓRNIA / A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadeiro Café Garanhuns —

Livraria Casa Café

(B) Sebo Casa Azul Salgueiro ----

(E) Capabella Sebo

PIAUÍ

Teresina Café da Gota Serena / Café Art Bai RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro ____

Café Pingado

Bspaço Saracura / Cine Jóia

Sebo do Lanati / O Sebo Antigo Mesquita — Sebolinha Livros e Revistas

Nova Friburgo -Sabor de Leitura Paraty —

Livraria de Paraty (b) Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty Petrópolis -

Franca _

Sebo Almanague

Guarulhos ___

Itatiba ----

(a) Confraria Cult / IPRA

Livraria Guarulivros

Banca do Sardinha

Sebo do Formias

Ribeirão Preto —

Livraria Travessa Ribeirão

Sebo Estação Cultural

Aracalu Livraria Escariz

(b) Gambalaia Espaço de Artes e Convivência

SERGIPE

Piraricaba —

Santo André -

Taubaté _

Vinhedo ----

Sebo Vinhedo

Livraria Toque e Letras Mogi Mirim ——

Livraria e Bistrô de Itaipava Seropédica -

Canto Geral Livros e Discos

Três Rios -

Livraria Favorita

RIO GRANDE DO NORTE

Sebo Café

Resebo raia da Pipa Book Shor

RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre ——

Cirkula / Livraria Bamboletras / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria

(5) Café Cartum

(a) Galeria Hipotética Bento Gonçalves —

Dom Quixote Livraria & Cafeteria Canela ____

Empório Canela Caxias do Sul _

Do Arco da Velha Livraria & Café

(5) Dulce Amore Café & Algo Mais

Frederico Westphallen -

Santa Maria

Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) /

São Francisco de Paula ...

SANTA CATARINA

R Sebo Ilha das Letras / Livraria Livros & Livros © Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shoppin / Café Cultura Aeroporto Hercilio Luz

Balneário Camboriú — Santo Livro Livraria e Bookstore

Café Cultura Balneário Shopping

Livraria Blulivro

Livraria Saber

Cacador ___ (B) Livraria Selva Criciúma —

Café Cultura Nações Shopping / Café Joinville ____

Barba Ruiva Livros & Discos (a) Casa 97 Mafra —

Restaurante Amora Sustentável Morro da Fumaça —

São Bento do Sul — Dom Quixote Livros

São José Sebo Ilha das I etras

(B) Libretto Livraria

São Paulo —

SÃO PAULO

(B) Comix Book Shop / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Blooks Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeira / Patuscada Bar / Livraria NoveSete / Banca Tatui / Livraria Roteiro / Livraria Simples

A Casa Tombada / Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Matiha Cultura / Estudio Lamina / Taper Taperà / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira / Literàrio Café & Coworking

Araçatuba — Sebo Dom Quixote (B) Casa da Cultura / Palacete das Rosas

Botucatu ___ Sebo Alfarrábio Campinas _

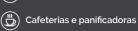
Elivraria Pontes / Sebo Porão / Contracultura (B) TORTA - Espaço para um Dedo de Prosa

Campos do Jordão ----(B) Livraria Jaguaribe

Legenda



Livrarias, bancas e sebos







Locais RelevAntes









Kikos Bar bit.ly/kikosbar





OMBUDSMAN

Caio Túlio Costa

Trecho de *OMBUDSMAN*: *O relógio de Pascal*, Geração Editorial, 2006

DIRETRIZES PARA OMBUDSMAN

Nem só de alimento para a alma, como o psicodrama de Williamsburg, são recheados os encontros dos ombudsmen. Num desses, em 1982, em Washington, foram aprovadas as "Guidelines for Ombudsmen", as diretrizes para os jornalistas e jornais adeptos do advogado do leitor. Cabem numa única página. Não custa reproduzir as Diretrizes para Ombudsmen de Imprensa:

- Os objetivos de um ombudsman de jornal devem ser:
- Aperfeiçoar a equidade, exatidão e responsabilidade do jornal.
- 2. Aumentar sua credibilidade.
- 3. Investigar todas as queixas e recomendar ação corretiva quando for o caso.
- 4. Alertar o diretor de

- Redação sobre todas as queixas.
- 5. Fazer conferências ou escrever para o público sobre as linhas, as posições e as atividades do jornal.
- 6. Defender o jornal, publicamente ou em particular, quando for o caso.
- Alguns dos meios de que o ombudsman dispõe para chegar a seus objetivos e cumprir suas tarefas incluem:
- 1. Uma coluna.
- 2. Memorandos internos.
- 3. Reuniões com as equipes.
- 4. Questionários.
- 5. Conferências.
- O ombudsman deve ser independente e esta independência deve ser real. Ele deve responder apenas à pessoa com mais alta autoridade na Redação.

Nota da redação: A partir de fevereiro, a coluna passa a ser mantida por Morgana Rech, escritora e editora da Revista Subversa, também doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ (2019), mestre em Teoria da Literatura pela Universidade do Porto (2013) e graduada em Psicologia pela Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2010).



TRÊS SÓIS WILLIAM SOARES DOS SANTOS ED. PATUÁ

"Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, "sem pano para esfinge,/sem sombra alheia". Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que "a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços"."

Adriano Espínola

Mato

Juliana Cândido

Conseguiu assento no ônibus que ia pra universidade. Assento daquele no alto, o preferido por sua memória afetiva de infância e pela memória odiosa do lugar mais baixo, o acessível para cotovelos e paus.

Riu da piranha que tirava da bolsa mudando de cor à luz do sol, abriu os dentes e pregou no coque do cabelo longo, castanho e quente. Enxugando o suor da nuca, ajeitou as coisas no colo enquanto via a cidade se transformar em pasto na ponta do ombro esquerdo. Janela de ônibus é coisa de quem não tem criatividade, pensava. Tentou pegar no sono para deixar a poesia para os piegas.

Curva brusca. Segurou no pau duro da frente, puxou sem querer os cabelos lisos, médios e frios que se deitavam no pau úmido de suor de nuca. A toada da viagem se mostrava na janela cheia de pasto verde. Lá fora se formava a imagem à luz dura dele sol.

Enquadrada sobre o ombro,

no ônibus que aguardava sem vontade uma fila de estudantes de Arquitetura o penetrarem, ela avistou. Uma única árvore em todo o pasto com duas únicas vacas pintadas de gato preto e branco. A vaca número um se coçava no tronco meio mole com os olhos fechados. Se mexia para frente e para trás com o rabo pra cima. A cabeça inclinada e boca semiaberta, expressando com gosto o esforço prazeroso do trabalho de alívio.

A vaca número dois observava. Parada, com a cabeça dificil de sustentar, tinha ombros humanos, invejosos. Orelhas baixas se mexiam para frente e para trás na toada ruminante. Olhos semiabertos, esperava. Com raiva da coceira somada. Foram embora as vacas e ficaram os cinquenta estudantes de Arquitetura se espremendo, quase chegando. Todos com seus cilindros enormes nas costas, pendurados. Quase chegando, o ônibus esvaziou-se de uma vez,

desinchou.

Seu ponto, o próximo, ela por último. Aguardou o gemido do freio, levantou-se e desceu. O sol bem no centro repartido do cabelo, que se soltava dos dentes da piranha, arranhando a nuca ventilada. O ônibus seguiu leve e feroz no suspiro do crescer das marchas, praguejando contra os expurgos.

O corpo, ainda guardando a vibração do motor, correu pelo gramado, subiu as escadas, voou pelos corredores. Na sorte da sala ainda vazia, desencapou o pincel do quadro lentamente pela ponta, o empurrou para fora do resto do plástico. Destampou e encontrou a ponta do dedo com a ponta molhada de azul.

Pela ponta do ombro esquerdo, a janela da sala se mexe para frente e para trás à sombra da árvore dura do lado de fora.

O irmão de Wittgenstein

Mar Becker

ser feia é essencial no meu processo de escrita. feia num sentido absolutamente único, talvez indefinível.

dizer-me feia — e por isso mesmo também ameaçadora — não é só um ato político. é religioso. queria poder olhar no rosto de algum deus que fosse feio. a beleza cega, mas a feiúra nos leva ao ato bárbaro de arrancar os olhos. é a grande ferida de édipo

ou ainda: narciso sangrando pelos globos oculares porque o objeto do seu amor lhe devolve monstro.

escrever só comecei porque quis cultuar alguma deidade assimétrica. traiçoeira mesmo. pés vindos de longe, descalços; as veias salientes no dorso, os dedos de uma insolência só — pense nas marcas que pés como esses deixariam no barro depois da chuva. sei de mulheres que leem o futuro nas estrelas; a mim só interessaria aprender a lê-lo nas pegadas desse solo sem cura.

o deus que imagino não tem a mão direita, perdeu-a na guerra — como o irmão de wittgenstein. era pianista, ele — sabia? olha como é a vida. ravel compôs um concerto para mão esquerda, dedicando-o a ele. não posso deixar de considerar que tocá-lo deve ser uma daquelas experiências todas como a um só tempo luminosas e infelizes.

se fosse erigir um altar, seria para esse cara. ele sim chamaria de deus — o irmão aleijado do filósofo que por sua vez

queria ser monge. e sabendo que não tem a mão direita diria, prazer, deus — sou marceli, encantada,

e me inclinaria, fingindo beijar-lhe a mão direita. essa que falta. fantasma. paixão sem corpo. livros I vinis

Joaquim Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51 Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria





3642-3690

E ENSINO 3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

Carol Castro e a falência da Saraiva

João Alexandre

Em um primeiro momento você aprende com o ratinho do Castelo Rá-Tim-Bum que deve lavar o fazedor de xixi na hora do banho e, em um segundo momento, você só entra no banho para lavar o fazedor de xixi (que faz outras coisas também).

Poucos (ou muitos, até) sabem o drama que é ser um garoto de 13 anos. O muleque tá sempre irritado. Afinal, não se pode fazer nada que se queira fazer. Você é velho demais pra brincar no playground do McDonald's e novo demais pra entrar em uma casa de swing. Assim, acaba se transformando em um sommelier de atrizes da Globo e apresentadoras da Band. Também vira um profundo conhecedor de capas da

Playboy.

A nova geração não deve saber o que é uma Playboy — também, vivem em um mundo onde é possível ver um anão fodendo a cloaca de uma galinha —, mas, aos meus 13 anos, a revista estava no auge.

A Playboy era consideravelmente leve e até educativa. Quando meu avô morreu, herdei dele sua coleção de revistas dos anos 80 e 90. Ao terminar suas pendências, você lia. Havia entrevistas com personalidades como FHC, Paulo Francis, Nelson Gonçalves. Era editada por grandes nomes do jornalismo brasileiro como Ruy Castro e Juca Kfouri. Li na edição de 92 (capa: Luíza Tomé) uma crítica ao primeiro filme de Quentin Tarantino,

Cães de Aluguel, em que o cineasta é chamado de "o novo Martin Scorsese". Risadas.

Pois bem, era um domingo e eu tava cansado das mesmices. Então resolvi gastar a grana que ganhara de Dia das Crianças e fui à Saraiva do Shopping Crystal, em Curitiba. Com a maior inocência do mundo, tirei das prateleiras duas HQs do Batman e a Playboy da Carol Castro. Ela havia feito um ensaio inspirado nas heroínas de Jorge Amado — Gabriela, Tiêta, Dona Flor — pra você ver que, naquela época, bater punheta também

era cultura.

Fui pra fila do caixa e peruas dondocas do Batel vieram atrás de mim. com seus casacos de pele e livros de colorir.

"Próximo", disse a caixa

número 3. Fui lá.

Quando viu a Carol Castro nua na capa, a caixa perguntou:

"Quantos anos você tem?" "13".

"Mas essa revista é só para maiores de 18 anos".

Sempre achei isso um absurdo. Que mal há em ver mamilos e uns pelos pubianos? O Batman espancava os pobres de Gotham City, mas o problema são os peitinhos!

"Pô, moça. Foi meu avô quem pediu pra comprar", já fazia uns dez anos que meu avô comia capim pela raiz, mas me pareceu uma desculpa sensata na hora.

A filha da puta da caixa, nada discreta, chama o gerente por um microfone que ecoou por toda a livraria:

"GERENTE,

COMPAREÇA AO CAIXA 3. HÁ UM MENOR DE IDADE COM UMA PLAYBOY'

Pra que isso, mulher!?
Todos os olhares se viraram
para mim. Indignação e
deboche. As dondocas
cochichavam no canto e eu
sabia exatamente o que elas
tavam falando.

O gerente chegou e mandei a desculpa do meu avô. Minha visão tava turva de vergonha.

"Eu entendo, jovem", ele foi dizendo. "Mas não podemos vender essa revista, é só para maiores de..."

Então surtei, catei da mão da caixa a Carol Castro e taquei os Batmans na cara dela. Corri pra fila, empurrando as dondocas, fazendo com que despencassem do topo de seus saltos altos em efeito dominó e depois as pisoteei rumo à saída da livraria. O gerente veio correndo atrás de mim e, à frente, havia um segurança pronto para obstruir minha saída.

Juro pelos bagos enrugados de meu falecido avô que, com um impulso na prateleira de best-sellers, dei um perfeito salto mortal, voando sobre a cabeça do segurança e caindo no corredor do Shopping Crystal, fora da livraria.

Carol Castro continuava comigo. Continuei correndo. O gerente e mais dois seguranças estavam em meu encalço. Arremessei ao chão um mostruário de óculos Chilly Beans para retardá-los e acho que deu certo. Então deslizei pelo corrimão da

escada rolante e saltei para a liberdade, caindo na Rua Comendador Araújo.

Corri por mais cinco quadras até me certificar de que ninguém me seguia.

Nunca fique entre um nóia e sua pedra de crack e também nunca fique entre um garoto de 13 anos e sua *Playboy*.

A Tribuna do Paraná
depois me apelidaria de "O
punheteiro do Crystal". A
lenda ficou conhecida em
certos círculos e eu queria
contar que eu, EU, era aquele
herói de 13 anos que instaurou
o caos naquele chiqueiro de
burguês. Mas minha identidade
secreta ficou preservada.
Aparentemente, as câmeras
de segurança não mostraram
meu rosto ou o jornal foi
proibido de me expor. Tive

medo que um dia os homens da lei batessem lá em casa e me separassem de Carolzinha. Isso jamais aconteceu. Fiquei anos sem entrar no Crystal e em qualquer outra Saraiva do planeta. Espero que, depois de 11, anos meus crimes estejam prescritos.

Hoje, a revista *Playboy* está extinta e a Saraiva fechou as portas. Talvez a culpa tenha sido minha. Gosto de pensar que criei um movimento das mãos peludas: em que mais garotos de 13 anos passaram a invadir as livrarias dos shoppings só para furtar revistas de mulher pelada. Que doideira!

Contos pubianos

Geraldo Lima

Deixou-se cativar primeiro por um olhar repleto de brilho e mistério, como uma porta que se entreabre, deixando vazar apenas uma nesga de luz. Era a mulher do patrão, e as fronteiras entre ambos estavam bem demarcadas. Todo cuidado era pouco: o homem geria muito bem seus negócios.

Deixou-se arrastar depois por um sorriso mais explícito, algumas palavras sussurradas ao pé do ouvido, assombrosamente dissolutas, e um movimento de corpo sinuoso, de ancas largas, nádegas modeladas sob o vestidinho de viscose, e foi adentrando um corredor que lhe parecia, naquele instante, infinito e perigoso.

Deixou, já em transe, que ela mordesse seu pescoço, arranhasse suas costas, lambesse sua barriga até topar com os pelos pubianos e se demorasse ali, emaranhada, seduzida, arrancando dele o máximo de prazer, sugando, devassa e bela, boca trabalhando frenética e

intensa, até a explosão!

E, desde então, o ato que se repete nas sombras, acossado pela iminente chegada do patrão: sua presença seca, branca e austera turvando a cena amorosa. Pode ser que seu rigor financista, nesse instante, escolha conferir só parte das perdas, poupando a vida dos amantes.

Mas pode ser que não.



A CIDADE DO VENTO

GRAZIA DELEDDA

ED. MOINHOS

Publicado em 1931, este romance traz traços marcantes da biografia de Grazia Deledda em uma narrativa que leva o leitor para sua intimidade. O eu lírico/narradora de A cidade do vento descreve sua relação com Gabriel, um amor de sua juventude que desaparece para retornar à sua vida poucos dias após seu matrimônio com outro homem. Em um jogo de tensões precisamente calculado, passado e presente se entrelaçam diante do olhar do leitor e dão forma à trama arquitetada por Deledda.

TRAD. WILLIAM SOARES DOS SANTOS

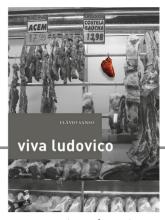
· editoramoinhos.com.br ·

Anão

Eduardo Canesin

Anão, tal qual gnomo, é criatura safada:
Para donzelas, pede abraço e dá apalpada.
Sorriem e, curiosas, querem muitas coisas ver
Ele mostra, é claro, e se oferece para as satisfazer
Elas aceitam — por molhada curiosidade — e acabam gostando
E assim o anão vai levando.
E vai levando, e vai levando e vai levando.
Cada dia com uma, cada vez mais...
Anão nunca se satisfaz!
Para aqueles que não são tão pequenos,
que não despertam curiosidade,
arrumem uma e, temendo,
cuidado com o anão e sua voracidade.





Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos.

A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo.

Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

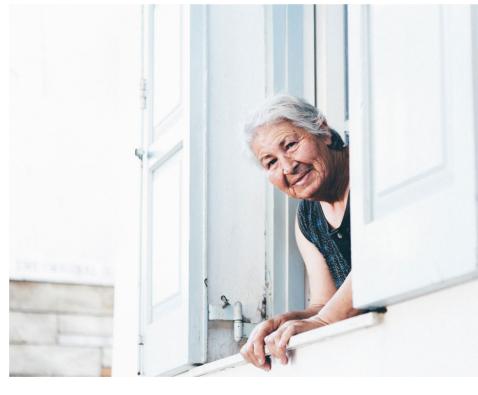
RELEVO THE JOURNAL_ Brasil

O problema da Esperança: alfajor de casa de reabilitação é tão delicioso que fez consumo de crack da região crescer 55% – PARTE 1

[RESUMO] Fundadora de centro de reabilitação de jovens em condição de drogadição e produtora de <u>alfajores caseiros</u> é suspeita de liderar rede regional de distribuição de entorpecentes. Esta é a primeira grande reportagem investigativa do Jornal **RelevO.**

Foi na Índia britânica que o governo, visando a controlar a quantidade de cobras venenosas de Deli, ofereceu uma recompensa para cada animal peçonhento morto. O que inicialmente obteve sucesso notável logo recebeu um grande baque: o ser humano, sempre motivado por payoffs, paybacks e pay days, passou a criar cobras para lucrar com a recompensa do governo britânico, que tão logo cortou o programa. As cobras foram soltas, aumentando a população de serpentes na região.

Mas a história de hoje não envolve governos, indianos ou cobras – exceto por Luiz Otávio, cinegrafista de estirpe fofoqueira e rastejante, que sumiu com nossas gravações



após seu namorado, nosso colaborador Betão, descobrir que aquela experiência era apenas uma fase de redescobrimento.

A história de hoje, com cobertura exclusiva – e,

infelizmente, apenas textual – do Jornal **RelevO**, acompanha Luiza Cacau, 67, uma doce imigrante de Areia Branca-PR, região conhecida por seus pesque-pagues com oral incluso. Cacau é fundadora do Lar Esperança, casa de

reabilitação que vem – ou vinha – ajudando dependentes químicos em Curitiba desde 1998. No último dezembro, o Lar Esperança foi fechado pelas autoridades, ao passo que sua fundadora permanece sob investigação de envolvimento com o tráfico.

Não merece o doce quem não experimentou o amargo

O que deu errado nesse caminho edulcorado?
Conversamos com Bráulio
"Archer" Cozzido, detetive particular do bairro Bacacheri, região nobre de Curitiba, com muitas quadras de pádel.
Vestindo um trenchcoat grafite — "esse casaco paga meu aluguel" — e virando copos de whisky

sour às 10h30 de terça-feira no Parque São Lourenço, ele nos informou absolutamente tudo sobre o caso, sem medo de cobras ou robalos. Cozzido, no entanto, não nos contou nada que já não havia sido divulgado pela grande mídia, complementando com "o que vocês esperavam? Não tenho relação nenhuma com esse caso; eu basicamente presto serviço para esposas desconfiadas". Descobrimos que Bráulio Cozzido mora num furgão desde 2012 e aprendemos a não confiar cegamente em fumantes com voz de barítono e casacos que ultrapassam o joelho, não importa de que país esses casacos venham.

O problema do Lar Esperança é muito mais simples – e ao mesmo tempo complexo. Para arcar com os custos da humilde residência de quatro quartos, 24 beliches e duas caixas de som JBL que "toram o pau na rádio Gospel" no centro de Curitiba, Dona Cacau passou a comercializar alfajores caseiros. Esses surgiram como forma de arrecadar fundos para manter o Esperança em pé e seguir auxiliando aqueles que dele dependem, morando lá ou não.

Os dependentes químicos, que antes levavam mais de um dia para negociar todas as mercadorias de um universo desalfajorizado, passaram a voltar para o Esperança com suas cestas vazias ainda na hora do almoço, tendo comercializado todos os doces em questão de poucas horas.

E os compradores – antes estudantes com consciência pesada, agora clientes assíduos de demografia ampla – passaram a perguntar por mais. A pedir mais. A demandar mais. Os alfajores da Dona Cacau eram o novo unicórnio da cidade.

No radar da Operação AlfaJato

Havia um entrave: algo de mágico e intangível acompanha as mãos de Dona Cacau. Ninguém, absolutamente ninguém conseguiu reproduzir a qualidade de seu alfajor, o que limitou a quantidade de doces produzidos, além de irritar os nóias da livre iniciativa, que, pensando não ser impossível, foram lá e erraram a receita. As consequências foram nefastas à região central de Curitiba. Aqueles mais dedicados perceberam que só havia uma maneira de garantir contato direto com os alfajores, e essa maneira exigia manterse próximo a sua produção, mais especificamente num dos quartos (ou no porão) da casa de reabilitação Esperança. Dona Cacau começou a receber estranhas ameaças por WhatsApp e a ter tuítes de 2011 devassados."Eu falei que mulher merece apanhar num contexto beeeem diferente desse que tão dizendo", alegou.

Surgiram casos como os de Leandro Paçoca, 23, e Camila Papaya, 38 (nomes fictícios). Ele, fundador de uma *startup* que negocia

startups com outras startups; ela, investidora credenciada por uma investidora maior. Ao terem acesso negado ao Lar Esperança, ambos - estudiosos de logística e especialistas em flutuações de mercado – arriscaram a própria vida para cortar o elemento intermediário. Indivíduos antes tocados pelo marasmo de um cotidiano livre de perigo saltaram no coração das trevas para, por meio da internação, ter acesso à joia. De cada especialista em Excel da cidade parecia emergir um Robert Duvall queimando crianças vietnamitas.

A lata se tornou a melhor amiga de Paçoca e de Papaya, que nunca haviam experimentado crack, mas podiam ser vistos em frente ao Esperança todos os dias a partir das 13h30, horário em que Dona Cacau chegava do almoço. Eles foram acolhidos sem maiores suspeitas – até que os alfajores começaram a sumir, logo pela manhã, e Paçoca e Papaya acabaram internados, agora no Hospital do Cajuru, para limpeza gástrica. Acabouse o que era doce. Doce, afinal, é a guerra para quem não anda nela. A boca doce leva a cabaça ao engenho e o dono à cadeia. A essa altura estamos listando provérbios sem critério algum.

Em questão de semanas, doações, patrocínios e *raves* beneficentes foram oferecidas ao Esperança, que fortificou o esquema de segurança sobre a confecção dos alfajores, mas ainda não conseguiu aumentar substancialmente sua produção,

mesmo com o vigilante Arbusto Núñez trabalhando em turnos dobrados. Isso disparou o preço daqueles pedaços de nuvem em forma de chocolate e ligou o alerta da polícia, que paralelamente via o consumo de crack e de cocaína crescer em quantidades alarmantes."Não se testemunhava um aumento tão súbito do consumo de ilícitos em Curitiba desde o fenômeno Bill no Coxa", contou o delegado Guilherme Falcão.

Deixai todo o Esperança, vós que chapais

Com o caos instaurado, verdadeiros figurantes de Madrugada dos Mortos passaram a circundar o Lar Esperança. O espaço, com capacidade máxima de 32 internados, recebia mais de 100 pessoas, cada qual oferecendo um serviço em troca de alfajor. Um consórcio de nóias chegou a sugerir em voz alta a produção de crack dentro do Lar Esperança, tudo controlado pela Anvisa e com papel celofane de boa procedência. Dona Cacau admite ter estranhado o alto volume de "presepeiros, sujismundos e fãs de Clube da Luta", mas defende não ter participado de qualquer iniciativa que sobrepusesse a mera reabilitação. "Às 19h eu ia para casa e pronto".

A superlotação do espaço começou a gerar problemas logo que Aninha Bate-Bate, conhecida por emprestar carteiras alheias, foi obrigada

RELEVO JORNALISMO DE QUALIDADE

a dormir ao lado da porta de acesso ao refrigerador de barras de chocolate.

Por volta das 3h30 de uma quinta-feira de "larica master", conforme definiu Aninha, ela decidiu arrombar a porta do controle de estoque e "conferir como estavam as massas préprontas de Luiza Cacau".

Qual foi a surpresa de Aninha ao encontrar mais seis colegas nóias, todos tentando literalmente roer o refrigerador trancado, que somente abria com um código de seis letras. "Não eram homens, não eram ratos, eram... alfaraptors", arriscou Aninha, babando um pouco e forçando o sotaque carioca ao relembrar os tempos em que foi clandestina em Miami. O princípio de insanidade obrigou a proprietária a desenvolver um bunker para esconder suas massas de alfajor, com entrada definida por exame óptico: quem aparentava nóia de doce era barrado pelos capangas de Arbusto Núñez, promovido a gerente-geral da equipe de segurança do Lar Esperança. sperança.

Por um curto período de tempo, o cerco às massas de

alfajor melhorou o ritmo de produção. Contudo, a repentina paixão entre Aninha e Nu, como Aninha gostava de chamá-lo, retornou o empreendimento de Luíza à estaca de pensar em uma nova estaca. Fornadas inteiras de alfajor sumiam antes mesmo de sair do bunker. Com as dificuldades de atender aos acionistas que compraram cotas antecipadas do doce em euros, Dona Cacau teve de tomar uma atitude, e Núñez foi despedido; Aninha acabou reincorporada à Ponte do Capanema, desistindo de processar Luíza por uma dúzia de alfajores fresquinhos.

Vendidos a R\$400 no câmbio doce, Aninha Bate-Bate conseguiu, enfim, planejar o casamento com Núñez sob a condição de "nunca mais se pronunciar sobre a experiência Lar Esperança" para a imprensa. Todavia, a informação de que havia outros fornecedores do alfajor de Dona Cacau trouxe uma nova perspectiva e, diferentemente do que assevera um *coach*, uma nova perspectiva foi o princípio do fim.

Traficantes de drogas comuns estranharam a entrada de um



suposto novo entorpecente no mercado e, desconfiados, buscaram contato com Dona Cacau, cujo telefone já havia sido grampeado. No primeiro diálogo entre um fornecedor de substâncias e a fundadora do Esperança – a qual alega não ter entendido absolutamente nada –, a Polícia agiu. Em 2 de janeiro de 2020, Luiza Cacau foi presa por tráfico de drogas e assédio moral – Túlio Dateko registrou um Boletim de Ocorrência em que relatou, entre o constrangimento e o orgulho, ter sido obrigado

a ingerir seis alfajores pelo esfincter.

Cacau é apontada como líder de um esquema tão brilhante como sutil, o qual não movimentava dinheiro, não deixava rastros e não descumpria leis, e que ainda assim influenciou diretamente o tráfico em escala regional. Segundo estimativas da PM, apenas o consumo de *crack* na região central cresceu cerca de 55% – até latas comemorativas com o rosto de Dona Cacau foram vistas ao longo do

petit-pavè curitibano. Uma petição online defende que o Monumento do Cavalo Babão, do Centro de Curitiba, seja rebatizado para Cavalo Latão e que, em vez de água-água, ele despeje apenas "água". Ainda de acordo com a PM, "esse alfajor é realmente do c*r*lh*". Luiza Cacau será julgada em fevereiro.

Não perca a parte 2 da nossa reportagem, em que o RelevO consegue uma entrevista exclusiva com a fundadora do Lar Esperança.

JORNALISMO DE QUALIDADE EXIGE RECURSOS. PARA MAIS REPORTAGENS INVESTIGATIVAS COMO ESTA, NÃO ASSINE UM JORNAL LITERÁRIO.









Rua Bahia, 322, Iguaçu ARAUCÁRIA-PR Facebook: lindagroupasepresentes

Paulo Venturelli Trecho de *O Navio e o grande segredo* – Editora Inverso, 2019 Ilustração de Carla Lado B

De noite tira toda a roupa

Le atira no mar

Lá no fundo encontra uma sereia
entre as praças submersas
e os caminhos escondidos do mundo das águas

Os dois dançam e se contorcem
e se espremem e se enrodilham
e fervem e borbulham e refervem e escachoam

De repente o corpo dele
jorra leite de estrelas

música de mata louca

sonkos de inquietude a destilar espasmos
fermentos
desmaios
delíquios





O último tiro da Guanabara Bruna Meneguetti

Ed. Reformatório

Um navio de guerra apontando os canhões para a praia de Copacabana enquanto pessoas estendem lençóis brancos dos prédios, pedindo paz; um presidente que durou apenas quatro dias no poder; uma articulação que poderia ter antecipado 1964. Todos esses episódios soam como inventados, mas são reais e estão presentes no romance histórico O último tiro da Guanabara, que conta como um vidente cego teria ajudado Juscelino Kubitschek a impedir um golpe orquestrado contra ele e seu vice, João Goulart. A obra, ganhadora do 1º Edital de Publicação de Livros da Secretaria de Cultura de SP, mescla ficção e fatos reais na década de 1950 do Rio de

www.brunameneguetti.com.br

Janeiro.

Aurora

Roza Romano

Na edição de dezembro do ano passado, publicamos o conto "Aurora", de Roza Lima Romano. A autora não gostou de nossas intervenções no original: "quero dizer que fiquei bem decepcionada com o que fizeram com o meu texto. Podem parecer, à primeira vista, pequenos detalhes, como uma palavra mudada ou suprimida, mas se eu escrevi o texto daquele jeito, é porque tinha que sair daquele jeito pra surtir o efeito desejado".

Para seguir em nosso propósito de transparência e prestar contas públicas à autora acerca da dúvida "fico pensando se os outros textos que eu já li de artistas iniciantes também não foram mutilados como o meu", republicamos o texto na íntegra, apresentando as 13 alterações que foram feitas pelo editorchefe do periódico. De fato, buscamos não interferir no sentido do texto quando preparamos o arquivo para publicação. Nos concentramos nos erros que consideramos não intencionais. Todavia, às vezes erramos a mão. Pedimos desculpas públicas à Rosa, reiterando que, em dez anos de publicação, é a segunda vez que recebemos tal espécie de retorno negativo, o que não significa que os erros cometidos sejam diminuídos apenas pelo número baixo de incidências.

Primeiro os cercos sufocaram as grandes cidades, que ficaram sem abastecimento <u>e</u>¹ esgoto, e portanto insustentáveis. Depois as grandes fugas para o campo e para o litoral.

Senhor Bruno e a neta Aurora

no mato para sei lá onde. Vô tá muito quieto, pensa a neta e diz:

- Pra onde a gente tá indo mesmo, vô?
- Pra longe da capital. Essa é a prioridade. Assim que a gente chegar no litoral, dá pra pensar melhor no que fazer.

E andavam por muitos metros no mato bravo, folhas cortantes e tudo.

E daí se <u>ouve</u>² um barulho na folhagem.

A princípio pensaram que fosse bicho, criação. Mas de **rumor em rumor**³os passos se tornaram claros.

- —Vamos, filha, a gente precisa subir nas árvores.
- Subir nas árvores? Como um senhor como tu vai subir nas árvores?
- Eu consigo me virar. E você?

Não perdeu mais segundo. Breve estavam na copa, cada um na sua.

Embaixo viram um grupo de homens, com rifles a tiracolo e mochilas. Vasculhavam o ambiente.

Esperaram anoitecer para descerem dos galhos, só para garantir.

- —Vô, quem eram aqueles homens?
- Já não são homens, minha filha. Já não são mais humanos. São bichos. Comem como bichos. Roubam como bichos. Estupram como bichos. Devemos evitar esses animais.

*

- Sabe o que eu mais sinto falta?
- O quê?
- Cigarros.
- Fiquei sabendo que tem uma antiga fábrica de cigarros alguns quilômetros ao norte. Podemos pegar alguns meninos pra dar uma olhada.
- Que adianta? Mesmo se ainda tiver estoque, vai acabar. Dá na mesma.
- Não se reativarmos a fábrica.
- Mas quem iria trabalhar?
- Podemos fazer as mulheres, as crianças e os fracos trabalharem em troca de

- 1. Suprimido.
- 2. Substituir por "ouviu" em virtude do tempo verbal adequado.
- 3. Entre vírgulas.
- 4. Substituir por <observa>, dada a variação padrão nos verbos dicendi.
- 5. Iniciais em maiúsculo.
- 6. Suprimir.
- 7. Substituir por <em vez de>.

- 8. Suprimir ponto.
- 9. Acrescentar vírgula.
- 10. Inicial em maiúscula.
- 11. Acrescentar vírgula.
- 12. Acrescentar vírgula.
- 13. Acrescentar vírgula.

proteção.

— Como temos feito.

- É Aurora, né? Não responde.
- Tanto faz. O nome é o de menos. Escuta, hoje você vai dormir na barraca do Capitão Tobias. Ele tá sedento de mulher faz tempo, e tem se segurado pelos camaradas. Permanece quieta, assustada até o osso.

Cabo Macedo acende um cigarro.

— O Tobias gosta violento. Se prepare.

O medo desce entre as coxas. A buceta seca e fria.

- Quer um cigarro? oferece o maço.
- Ouero.
- Ah, ela fala $\underline{\mathbf{diz}}^4$, puxando o maço para trás.
- O que você quer?
- Eu não quero nada de você. Eu acho mulher um bicho podre. Fede, fala demais. O bom é que hoje em dia as coisas mudaram. Sabe o que eu fazia antes do mundo explodir? Eu era policial, como a maioria dos camaradas aqui. A primeira coisa que fizemos? Pegamos as armas dos quartéis, recrutamos

braços, estocamos comida, tomamos mulheres e matamos os negros. Sorriso de dentes amarelos. Aurora quieta e dócil. Pega o cigarro.

- Se você se comportar direitinho, eu posso te ajudar. Te tomo como minha mulher. Te defendo contra esses abutres. Você já sabe que de mulher eu não gosto, então não precisa se preocupar. Pode dormir tranquila na minha
- E o que você quer em

tenda.

— Quero o mapa da tenda do Tobias.

- —Vagabunda! **puta! vadia!**⁵
- gritava Macedo enquanto o amarravam no pau<u>.</u>⁶ — Vocês vão tomar a palavra dessa miserável **ao invés**⁷ da minha?!
- Fica quieto, seu merda arrematou Tobias, com Aurora ao lado<u>.</u>⁸ — Além de <u>viado</u>⁹ é traidor.

Começaram a colocar galhos e sapé aos pés de Macedo.

— Não, espera! espera¹⁰, porra! Eu posso ser útil! Sei me guiar na floresta! Sei atirar! E não sou viado porra nenhuma! Se quiser eu te provo agora. Tira a roupa dessa cachorra e me dá cinco minutos. Ninguém respondeu. Aurora com olhar fixo e morto.

Consegue escapar da tenda do Tobias na calada da noite. O mapa sob o braço.

Vai na tenda dos prisioneiros. Tem um homem de guarda.

- O que cê tá fazendo aqui, ô, bicho ruim? Volta pra tenda do teu macho.
- É que... Meu macho dormiu. E eu queria mais... Vai se achegando do guarda, que fica desorientado. Retoma a consciência do dever:
- Não, isso é errado, cê não é minha mulher. Se não sair daqui **agora**¹¹ eu vou chamar o meu superior. Tira a teta pra fora. O guarda baba e se aproxima. Num momento de

descuido¹² enfia a faca na garganta dele. Não consegue gritar, se afoga no sangue.

Entra na tenda e acha o avô. —Vô, vô... — o velho acorda sem sentidos. — A gente tem que ir embora agora —

cochichando para não acordar os demais.

Arrasta o velho para fora da tenda e pega a arma do guarda.

Já a alguns metros de distância do <u>acampamento¹³</u> mostra o mapa ao avô.

- Aqui tem o território marcado de todas as gangues. Já sabemos aonde não ir. Senhor Bruno, ainda dormindo:
- Minha filha, aonde estamos indo?
- Pra longe daqui. Escutam alarmes e veem luz de lanterna ao longe. Não vai adiantar subir nas árvores.

O avô mal aguenta o percurso até a caverna, onde se escondem até o amanhecer. Aurora de guarda.

Com o raiar do sol, sufoca o choro diante do corpo inerte e mal nutrido do avô.

As Emas e a Alvorada

Rafael Estorilio

Vovó é uma senhora e tanto e me amava. Acho que a diferença do amor de avós para o amor de todas as outras mulheres do mundo é precisamente este. Não exige reciprocidade para amar. Por essas razões ela veio me visitar e fiquei feliz porque ela trouxe comida e carinho. Desceu da máquina que voa se sentindo globalizada e independente, cheirou o bafo forte do vento no planalto, o arroto que o diabo deu em Brasília para Dom Bosco e todo o sempre do céu ficar azulado. Sempre a sensação forasteira, o avião. Sem nuvens e com calor até para tomar água, reclamava, como boa velha senhora, do calor que abraça o corpo e que estica a pele. Era ingênua, mas atrasadamente esperta: -Veja, ganhei uma mala comprando uma revista! Vovó é senhora demasiado circunflexa, de moral e de corpo. Ela cai muito no chão, desgovernada, para provar que a moral está lá, no alto. E está mesmo. É preciso cuidar com essa minha fase nova, assumindo orientação para

amigos liberais, coisa dessa gente progressista de toda a capital. Parece que as pessoas mais divertidas e as mais conservadoras moram todas aqui, juntas para a guerra de opostos. Toda a minha família não pode saber ainda que eu gosto de homens. Deus o livre. Deus? Por que será que ainda falo em Deus? Certa vez, vovó me contou do sadismo das boas cristãs: do tempo que só casando e então o jeito era fazer onde não engravida e outras coisas meladas, e de como era dificil, insistência do vovô. Ele insistia muito. Naquele tom de voz eu via que ela gostava mesmo era de sacanagens. Eu achava isso divertido, me fazia de homem hétero e imparcial. Quis pensar que poderia ser o momento propício para dizer a ela que eu gostava de garotos, femininos. Fiquei me insinuando para dizer isso, sempre hesitava. Omiti. Almoçamos como quem bate ponto porque aqui o compromisso estava escaldante. Há muito também estou para fazer o exame. Nessa falta de

tempo, não tenho coragem e agendei na minha mente que iria hoje, mas nunca vou. Seria bom descobrir uma desgraça dessas com vovó por perto para me consolar. Eu não prestava a merecida atenção no que ela dizia. Encenando na minha mente eu muito magro e abandonado em hospitais tomando o coquetel de medicamentos, porém era interessante aquela capacidade que ela tinha de juntar fim de conversas com outras mentiras e outros preconceitos totalmente desconexos, e hoje penso que não há mais isso de ficar magro tomando coquetel. Eu ficava nesses dois desvios, ela falando e eu pensando em todas as minhas ansiedades vestidas de tragédias. Assim ela sempre tem a minha atenção deslumbrada, pois fala amenidades sobre toda a humanidade em ritmo de fofoca. Aprendo muito ouvindo, boas ideias para a escrita. Ela tinha aqueles olhos verdes profundos sob as pálpebras caídas e me deixou

ver que na carteira ainda

guardava uma foto póstuma de vovô, bem apequenada, toda amarela.

Pedi uma coca, ordenei que ela continuasse falando, me interessa ouvir os mais velhos porque acho que eles já amaram e gastaram a cota de amor da vida e a existência agora só faz com que eles tratem lembranças como grandes experiências, igual cientistas, em vez de contistas. E ficam remanescentes em silêncio, perplexos com as décadas:

-Tem que ser de vidro! Coca de vidro é mais gostosa, meu pão. Você sabia que você é meu pão? Você é meu pão! Em oposição ao que eu disse no começo, não há distância suficiente entre esse cheiro de agrado dela e o de amantes. Curiosa distância entre as pernas e as décadas. Das amantes que tive, lembro que elas falavam exatamente assim, também, entusiasmadas e carinhosas. Como se todas as frases levassem exclamação feliz ao final. Mas a culpa era toda e sempre minha, a de querer parecer normal como

todo mundo. Ninguém é normal. Eu desflorei garotas tão sem vontade diante da televisão falante, como quem mastiga biscoito, sabendo que desde cedo eu realmente gostava de ser a menina. Então concluo que as mulheres trocam a libido da juventude em carinho fraternal de avós. Será que vou ficar velho? A culpa é da maternidade? Instinto maternal?

- A culpa é da maternidade? Instinto maternal? - Diabetes é terrível, o único problema é parar de comer quindim. Falando em coca, sabe a história da Lucinda, quando ela tentava e tentava tomar coca para reverter, mas não resolvia mais? Fiz sempre como quem não entendia, ela falava rápido, as palavras coladas de máquina e uma voz fina que me perturbava. Eu continuava pensando se ia fazer o exame, dentro de mim só pensava em problemas.
- E a doutora Lucinda. Teu vô, digo, teu pai, acho que teu vô também, conhecia ela. Pois trabalharam juntos. Brigou com o namorado e tentou se matar. Sabe, insulina, tomou inteirinha, para diabetes? A dona celeste, por sua vez, está com diabete a seiscentos, já vai arrancar o olho fora. Gorda, gorda, enorme, nossa. Mas hipoglicemia é pior, daí mata. E doutora Lucinda sabia que

matava!

Também nunca entendi esses números, vó.

- Então. E Lucinda ficou louca de nervosa porque desmanchou o noivado, por telefone ainda, parece! Diz que era um sujeito rico e desses bons partidos, e então injetou logo no meio do prontosocorro a dose de insulina no braço para a coisa ficar feia... e o horror ficou grande. Ligou para o pai desesperada, não sei se já arrependida porque pensou que tinha tanto para namorar com outros ricos e bonitos, se tivesse me ligado eu tinha dito isso logo para ela, e foi tomando coca e mais coca com açúcar para ver se finalmente voltava. Só que não dava mais tempo, aí que está, a vida é assim, você passa a vida toda trabalhando e sempre quando você quer viver não dá mais tempo. E o pai dela correu para acudi-la, chegou, viu ela morta, mortinha no chão, toda alva. Nunca faça aborto, viu, filho? Fiquei pensando que ela deveria ser forte, morta de jaleco nesta distante história. Eu gostava do tom esverdeado dos olhos de vovó contando isso tudo com um ar inexplicável de falar tragédias pela via do humor, ácido e negro, como nem ela mesma conhecia.
- E ela tinha aquela coisa, assim, sabe aquele, como se diz, aquele cabelo escovado, bonito, pomposo. Feminina, sabe. Linda, linda, linda, um pecado. Que dó que me dá. Pensei que, para ela, só mulher feia pode se suicidar.
- E diz que o velho, o pai, iria processar o hospital público lá de Recife por danos morais porque era tudo estresse do trabalho, veja se tem algum cabimento! Pegava uma causa dessas, meu pão? Uma coisa sem fundamento. Veja que advogado mais sem fundamento!
- Não sei, vó. Talvez. Pude imaginar a minha reação na pele do namorado rico e bom partido. Deve ser infeliz ser rico e bom partido porque você dá mais prazer do que usufrui. Quando as minhas namoradas me ligavam e eu me preparava para terminar o relacionamento com elas, eu sempre me sentia assim, muito amado. E era frio porque gostava de outro menino. Então eu sempre tinha que mentir para elas que estava apaixonado por outra, nunca por outro. Isso me deixava tão desajeitado. Falava sempre que não gostava mais delas, algo que nem aos duzentos anos de idade estão preparadas para ouvir. Se uma delas se matasse por isso, não teria sido melhor

contar que o problema, digo, que a opção, era minha? Eu me sentiria culpado e não me perdoaria se soubesse que a linda jovem morreu daquele jeito por minhas razões, tantos os meus namoros para inglês ver. Pode ter sido inclusive o caso da insulina. Nunca vi. pensei sem muito sentido: "nunca vi essa sociedade se chamar sociedade, social, como ser social e me infernizar tanto assim? Somos sozinhos e tudo, mas como indivíduos?". Voltei a pensar na necessidade do meu exame de sangue. Obriguei vovó a pagar o almoço sem propósito e entendi que, quando andava para fora do restaurante, o sol batia rápido nas rugas e o corpo todo pedia a minha atenção, pedia carinho, pedia socorro. Era desse lugar genético, desprotegido e escondido que vinha o meu eu forte e feminino.Vovó ficou muito feliz quando passeamos até o Palácio da Alvorada – é aqui que mora a Presidenta! – Olhávamos para as Emas limpando o jardim, serenas. Eu andava sempre com a mão no bolso para dar ares de sobriedade. −Veja que interessante − A

Ema defecava e todas comiam,

defecava de novo e comia

só, e então todas comiam e

comiam cada vez mais para

defecar mais ainda. Tão lógicas, as atitudes, tão redundantes as aves no jardim da Presidência defecando para comer nesta atmosfera política. O sol nos queimava dando a sensação de que o tempo, após o almoço, sempre paralisa.

– E pensar que a minha aluna... – pausou, levando a mão à boca virada do avesso. Ela falou bem vagarosamente, aquele jeito expropriante de quando se fala algo exagerado de tétrico - Minha aluna contou que passou tanta fome que comeu a própria merda. Igual essas Emas. E a menina que trocou o nome porque se chamava Ema! Virou chacota, mas era com dois "m", assim apenas: "Emma". Pronunciara pausadamente esse Emma, pois olhei para ela interrogativo. Comer a própria merda por fome ou mudar o nome por vergonha e chacota, o que faz de nós seres humanos mais infelizes, meu filho? Eu ri, desgraçadamente. É disso que se trata a vida, vovó, pensei.

Quando vovó morreu anos mais tarde, fiquei olhando triste para o caixão e pensando naquela coisa do anal como método contraceptivo do século passado, do suicídio por fim de relacionamento tomando coca, das Emas e da Emma. Foi com ela e apenas com ela que consegui me abrir dizendo que meu sonho mesmo era o de ser escritor e nada mais do que isso. Quantas coisas aprendi com vovó entre as conversas inúteis sobre essas desumanidades, entre fios de sanidade. Eu pensava que o tempo era uma morada desabando a permitir tantas tragédias maravilhosas quantos sejam orgasmos. Por isso nunca perco a oportunidade de dizer sinceramente que amo alguém. Em velórios e igrejas, sempre fico pensando nas coisas muito libidinosas e ilógicas com todos os que estão presentes, não sei o que acontece comigo. Acho divertido o contraste. Tudo isso se misturava na minha perturbada mente e eu chamo isso de minha espiritualidade. Entretanto, minha carne está feliz no velório sabendo que o meu exame me aponta,

por muita sorte, não padecer de nenhuma doença. Não sei como, às vezes é tudo propaganda ou azar da sorte. Porém, continuo vivendo desprotegido porque gosto de viver cada dia como se fosse ontem, como se o hoje fosse o meu tempo extra no mundo, considerando que está marcada na agenda do diabo a hora de todos. Na hora do prazer, parece sempre que somos imortais.

Ou inférteis.

Vovó e minha vida de mãos dadas saltitando e falando amenidades nonsenses certamente me ensinaram que, com tanta gente de retidão provando fazer mal nesse mundo, andar muito dentro da linha para atender às expectativas de sanidade planejada dos outros faz de todos nós pouco humanos e muito, mas muito infelizes. Por isso vovô era o meu herói secreto e em quem me reproduzo: estava certo em achar subterfúgios nos tempos dificeis de só casando.



- Agenciamento Literário
- Leitura Crítica de Originais
- Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros
- casaprojetosliterarios.com.br
- f @ @casaprojetosliterarios

[IZA]

Juliana Meira

Poema integrante de *Água dura*, Artes & Ecos, 2019

Luiza não vês a luz em teu nome não vês nem uma luz nem mesmo a da cruz pendida na parede de tua memória que demora e apaga mas que às vezes me acha aos três anos a dizer vó lza te amo

Jandira Zanchi

Poema integrante de O Vapor da Noite – Editora Alonso, 2019

— É a vida.

•

. e sorrio-me da fervente calda aqui jaz empedernida.



Acredite nas palavras. www.editoraipeamarelo.com.br

Emil Cioran

Tradução de José Thomaz Brum

Adquiri minhas dúvidas penosamente; minhas decepções como se me esperassem desde sempre, vieram por elas mesmas, iluminações primordiais.

